

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

BEATRIZ GARMUS

**OS REFLEXOS DA ERA VITORIANA NAS PERSONAGENS FEMININAS DA
OBRA: *O LEQUE DE LADY WINDERMERE* DE OSCAR WILDE**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PATO BRANCO – PR
2016

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

BEATRIZ GARMUS

**OS REFLEXOS DA ERA VITORIANA NAS PERSONAGENS FEMININAS DA
OBRA: *O LEQUE DE LADY WINDERMERE* DE OSCAR WILDE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português – Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Pato Branco como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientador (a): Prof.^a Dr.^a Mirian Ruffini

PATO BRANCO – PR
2016



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Câmpus Pato Branco
Departamento Acadêmico de Letras
Coordenação do Curso de Letras Português/Inglês



DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor (a): **Beatriz GARMUS**

Título: **Os reflexos da Era Vitoriana nas personagens femininas da obra *O leque de Lady Windermere*, de Oscar Wilde**

Trabalho de conclusão de curso defendido e aprovado em
21 / 11 / 2016, pela comissão julgadora:

Prof.^a Dra. Mirian Ruffini – UTFPR Pato Branco
Orientador(a) e Presidente da Banca

Prof. Dr. Wellington Ricardo Fioruci – UTFPR Pato Branco
Parecerista e Membro da Banca Examinadora

Prof.^a Dra. Camila Paula Camilotti – UTFPR Pato Branco
Membro da Banca Examinadora

VISTO E DE ACORDO:

Prof.^a Dra. Claudia Marchese Winfield
Coordenadora do Curso de Letras Português/Inglês

Prof.^a Ma. Rosangela Aparecida Marquezi
Responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso
Portaria n.º 295 de 01/09/2015

A folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do curso.

AGRADECIMENTOS

À minha família, pelo amor, incentivo e apoio incondicional. Em especial à minha mãe e à minha irmã, que sempre me incentivaram nas horas difíceis, de desânimo e cansaço.

À minha querida professora orientadora, Mirian, por toda a disponibilidade, dedicação, e compreensão nos momentos de dificuldade.

Aos professores Wellington e Camila, por gentilmente aceitarem o convite para estarem presentes em minha banca.

Aos amigos que conheci nesta caminhada, por estarem presentes em todos os momentos, felizes e tristes.

A todos os meus professores que tiveram grande participação na minha formação pessoal e profissional, com quem continuo sempre a aprender. Muito obrigada!

RESUMO

GARMUS, Beatriz. **Os reflexos da Era Vitoriana nas personagens femininas da obra: O leque de lady Windermere de Oscar Wilde.** 2016. 37 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) - Licenciatura em Letras Português-Inglês. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2016.

O presente trabalho apresenta uma análise sobre a temática do papel feminino na literatura, tendo como objeto de pesquisa a obra *O leque de lady Windermere*, de Oscar Wilde. O objetivo principal foi identificar os reflexos da Era Vitoriana, período extremamente puritano e conservador, na formação das personagens femininas da peça. As personagens analisadas foram Lady Windermere e Sra. Erlynne. A partir dos trabalhos dos teóricos e críticos como Ellmann (1989), Brown (1985), Scott (1990), Ruffini (2015) entre outros, foi possível analisar as dificuldades de vida dentro do contexto vitoriano sofridas pelas mulheres neste período, e a forma que Oscar Wilde configura essas questões do mundo feminino por meio das suas personagens.

Palavras chave: Oscar Wilde, O leque de Lady Windermere, Era Vitoriana, personagens femininas.

ABSTRACT

GARMUS, Beatriz. **Os reflexos da Era Vitoriana nas personagens femininas da obra: O leque de lady Windermere de Oscar Wilde.** 2016. 37 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) - Licenciatura em Letras Português-Inglês. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2016.

The present work presents an analysis on the theme of the feminine role in the literature, having as object of research the play *Lady Windermere's fan*, by Oscar Wilde. The main objective was to identify the reflexes of the Victorian Era, an extremely puritanical and conservative period, in the formation of the female characters of the play. The characters analyzed were Lady Windermere and Mrs. Erylne. From the works of theorists and critics such as Ellmann (1989), Brown (1985), Scott (1990), Ruffini (2015) among others, it was possible to analyze the life difficulties within the Victorian context suffered by women in this period, by which means Oscar Wilde configures these issues from the feminine world through its characters.

Keywords: Oscar Wilde, Lady Windermere's fan, Victorian era, female characters.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 OSCAR WILDE E O TEATRO	11
2.1 SOBRE O AUTOR E SUA CONSTRUÇÃO LITERÁRIA.....	11
2.2 OSCAR WILDE E O TEATRO.....	13
2.3 DECADENTISMO E ESTETICISMO	15
2.3.1 Decadentismo	16
2.3.2 Esteticismo	17
3 A MULHER DO SÉCULO XIX	19
3.1 O PAPEL FEMININO X A SOCIEDADE VITORIANA.....	19
3.2 O FEMINISMO	21
4 O LEQUE DE LADY WINDERMERE	25
4.1 OS REFLEXOS DA ERA VITORIANA NAS PERSONAGENS FEMININAS	25
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	35

1 INTRODUÇÃO

O momento histórico inglês nomeado Era vitoriana ocorreu entre os anos de 1837 e 1901, durante o reinado da rainha Vitória, na Inglaterra. O período Vitoriano foi marcado pela expansão econômica e rápidas mudanças. Houve uma transição da vida rural para uma vida urbana, baseada no comércio e na indústria.

De acordo com Carter e McRae (1997, p. 271) a rainha Vitória assumiu uma grande importância simbólica, em um momento em que a monarquia, enquanto instituição não era tão popular. A monarca foi uma grande influenciadora no comportamento da população, que seguia fortemente os valores morais e religiosos. Falava-se muito em virtudes, para referir-se aos bons comportamentos. Essas virtudes eram: “a disciplina, a retidão, a limpeza, o trabalho árduo, a autoconfiança, o patriotismo, entre outros” (MORAIS, 2004, p. 24). Era também fortemente valorizada a fidelidade conjugal, caracterizando este período histórico como puritano e conservador.

De acordo com Brown (1985, p. 6) a sociedade do século XIX era dividida em três classes, sendo a aristocracia, a burguesia, e a classe trabalhadora, havendo pouca mobilidade entre os níveis sociais.

Os casamentos aconteciam por motivos econômicos, como uma espécie de contrato, estes eram acordados entre os homens envolvidos no processo, sendo o pai da noiva e o noivo, objetivando a manutenção dos bens materiais e o status social, ignorando completamente o vínculo emocional entre o futuro casal (ROCHA, 2008, p 37).

Neste período, os papéis de cada gênero se tornaram excludentes, havendo uma divisão da sociedade em duas esferas, a masculina e a feminina, ficando às mulheres o cuidado com os filhos e o trabalho doméstico, e aos maridos o trabalho fora do lar. Com essa divisão, as mulheres ficaram prisioneiras à vida doméstica, tornando-se totalmente submissas e dependentes do marido. Rocha (2008) destaca que havia uma crença cultuada de que as mulheres eram intelectualmente inferiores aos homens, e com isso eram consideradas incapazes de promover crescimento econômico e social, perpetuando assim o caráter inferiorizado da mulher na sociedade.

Diante destas situações, havia obras literárias que abordavam o tema da vida das mulheres da época, tendo as personagens femininas como foco do seu

enredo, o que demonstra que já havia autores com interesse em questionar as restrições de seu papel na sociedade e promover mudança, como o escritor Oscar Wilde.

Oscar Wilde foi um dos grandes escritores do século XIX, que conviveu com a moralidade deste período, e sofreu profundamente as consequências da intolerância. Wilde escreveu contos, ensaios, poesias, romance, mas foi principalmente como dramaturgo que alcançou o sucesso. Suas peças teatrais faziam um retrato da vida vitoriana, explorando as diferenças entre aparência e a realidade, expondo os valores distorcidos daquela sociedade.

Neste trabalho, será analisada especificamente a peça teatral intitulada *O leque de Lady Windermere (1892)*, sob a luz de estudos sobre a literatura feminista, o contexto histórico e a cultura Vitoriana, tendo como objetivo realizar-se uma verificação das marcas da sociedade na composição das personagens femininas da peça, visto que esta obra possui o papel feminino bastante evidenciado, pela protagonista, Lady Windermere, e sua mãe, Sra. Erlynne.

A peça satiriza a moral da sociedade vitoriana, através do retrato da relação entre mãe e filha que por consequências do destino viveram separadas, até que um suposto caso de adultério coloca essa relação em evidência. Através da análise da comédia elencada, propõe-se uma reflexão crítica sobre a sociedade vitoriana e as situações que cercavam as mulheres na época.

A peça analisada está no livro intitulado *Oscar Wilde: Teatro Completo*, traduzida para o Português por Doris Goettems, em uma versão bilíngue da Editora Landmark, de 2011. Tradução originária de textos em inglês disponível em domínio público.

Por intermédio dos trabalhos dos teóricos e críticos como, Ellmann (1989), Brown (1985), Scott (1990), Schiffer (2010), Ruffini (2015) entre outros, foi possível reunir um repertório teórico e crítico eficaz para a elaboração e desenvolvimento deste trabalho.

Diante do exposto, o presente trabalho estrutura-se em três partes. A primeira parte contempla o contexto de vida de Oscar Wilde, explorando-se sua formação familiar e os eventos que marcaram sua produção literária. Realiza-se também uma abordagem das estéticas norteadoras da produção literária do escritor, o decadentismo e o esteticismo. E para finalizar este capítulo, elenca-se a vertente dramática do autor, explorando suas principais peças.

No capítulo seguinte, faz-se uma abordagem do papel feminino na sociedade vitoriana patriarcal, abordando aspectos da vida das mulheres que as tornavam inferiores ao sexo masculino. Faz-se também uma exposição da luta social das feministas, na busca da igualdade entre os sexos neste período.

No último capítulo realiza-se a análise das personagens femininas, protagonistas da peça *O leque de lady Windermere*, refletindo-se sobre a influência da sociedade vitoriana em seus comportamentos e a crítica de Wilde presente na peça.

2 OSCAR FINGAL O'FLAHERTIE WILLIS WILDE

Neste capítulo, abordam-se os aspectos relacionados à vida e obra de Oscar Wilde. Posteriormente há o enfoque nas peças teatrais, objetivando conhecer melhor essa vertente literária do escritor. Por fim, descrevem-se as estéticas literárias formadoras da obra do escritor, o esteticismo e o decadentismo.

2.1 SOBRE O AUTOR E SUA CONSTRUÇÃO LITERÁRIA

Oscar Fingal O'Flahertie Willis Wilde nasceu em 16 de outubro de 1854 em Dublin, na Irlanda. Filho do famoso médico Willian Robert Wilde e Jane Francesca Elgee, poetisa nacionalista. Desde a sua infância, Wilde teve contato com músicos, poetas e escritores que frequentavam sua casa, o que despertou o seu interesse pela literatura.

Wilde frequentou as melhores escolas da Irlanda. Em 1864, Wilde entrou na Portora Royal School onde estudou por sete anos. No ano de 1871 mudou-se para Dublin para continuar seus estudos secundários na Trinity College, instituição de ensino de maior prestígio do país. Nesta escola, Wilde começou a se interessar pelo esteticismo, movimento que surgiu na Europa no final do século XIX e que enfatizou os valores estéticos independente de qualquer outro aspecto, seja religioso, político ou social.

Em 1874, Wilde ganhou uma bolsa de estudo no Magdalen College, em Oxford. Nesta universidade conheceu algumas personalidades que tiveram bastante influência na sua vida e em suas obras, como John Ruskin, crítico de arte que se tornou um dos escritores que mais propagaram os ideais do esteticismo, e Walter Pater, escritor e discípulo de Ruskin, que conforme destaca Ellman (1989) foi quem despertou em Wilde os sentidos, levando-o a tornar-se seu discípulo e seguidor. Em 1878 conclui seus estudos em Oxford, saindo com o diploma de Bacharel em Artes.

Em 1882, Wilde viajou para os Estados Unidos para fazer uma série de palestras sobre o esteticismo. Por onde passou o autor foi aclamado e admirado, no entanto apesar do grande sucesso nesse período, no ano seguinte quando publicou a peça *Vera ou os Niillistas*, não atingiu grande êxito.

Ao voltar para a Europa, Wilde viveu entre Paris e Londres, e passou a ser considerado um grande representante do esteticismo, sendo convidado constantemente para reuniões e festas.

Galvão (2012, p. 3) acentua que Wilde tornou-se conhecido também por ser um “dândi refinado e ao mesmo tempo contestador de sua época e das condições que impediam a plena expressão de suas ideias e de sua vida”. Neste cenário, Ruffini (2015) destaca que o dândi é:

[...] aquele que normalmente dedica seu tempo e fortuna para obter os mais variados prazeres da vida. Essa personagem passa suas horas elaborando sua vestimenta e toailete, com o intuito de parecer bem, aparentar bem e fingir bem. Participa dos eventos sociais por meio de diálogos que lembram atuações teatrais, e, como um espectador, “escapa dos sofrimentos da vida” (2015, p. 139).

Em 1884, em Londres, Wilde casou-se com Constance Lloyd, com a qual teve dois filhos, Cyril (1885) e Vyvyan (1886). A partir desse período, começou a fase mais produtiva do autor, com a publicação de diversas obras. Podemos destacar algumas delas como a coletânea de contos infantis *O príncipe feliz e outros contos*, em 1888, e a novela *O retrato de Mr. W.H.*, em 1889. Dois anos depois, publicou *A duquesa de Pádua*, obtendo novo fracasso com essa peça.

Ainda em 1891 publicou sua versão definitiva e em livro, de seu famoso e único romance, *O retrato de Dorian Gray*, além da coletânea de quatro ensaios chamada *Intenções* e uma versão em francês da peça *Salomé*, uma de suas peças mais conhecidas, que coloca em evidência novos valores, novas relações e questionamentos, com relação à sexualidade e ao poder (RUFFINI, 2015, p. 78).

Com *Salomé* Wilde começou a ganhar notoriedade, mas destacou principalmente a partir do momento que passou a escrever peças de cunho social, nas quais retratava os costumes da sociedade da época.

Em 1892, estreou a peça *O leque da Lady Windermere*, que fez grande sucesso, tornando Wilde rico e famoso. No ano seguinte lançou *A mulher sem importância* sua segunda comédia, a qual fez também muito sucesso. Em fevereiro de 1895 estreia em Londres a peça *A importância de ser prudente*, e ainda neste mesmo ano, estreava a peça *Um Marido Ideal*, no Hay Market Theatre, todas com sucesso absoluto.

Porém, a partir deste momento o escritor entra em uma decadência financeira e moral. Sua carreira foi radicalmente interrompida no auge do seu sucesso, por sua prisão e condenação a dois anos de trabalhos forçados, ao ser acusado de homossexualismo, conduta que não era tolerada neste período. Na

prisão escreveu *De profundis*, em forma de carta, que foi publicada postumamente em 1905. No mesmo ano, após sair da prisão, escreveu *A balada da prisão de Reading*, sua última obra.

Com a prisão, Wilde perdeu todo o seu prestígio e seu brilho. Os credores exigiram a falência do escritor e os bens do autor foram todos leiloados. Assim, Wilde acabou sendo então destituído de todos os seus bens e direitos, ficando na miséria. Após sair da prisão Wilde instalou-se em Paris, vindo a falecer em 30 de novembro de 1900, aos 46 anos de idade, vítima de meningite (SCHIFFER, 2010).

2.2 OSCAR WILDE E O TEATRO

A obra teatral de Wilde foi o seu maior gênero, e pelo qual ele se consagrou, contemplando a tragédia e a comédia. Mendes (2003) destaca as diversas qualidades do autor neste gênero:

Seus dons de conversador brilhante, inteligente, sedutor, com suas frases audaciosas, seus ditos de espírito, seus paradoxos, sua ironia por vezes tão agudamente ferina, sua extrema habilidade na composição do diálogo, sua feliz utilização dos efeitos dramáticos, sua arte de gradação emocional e do desfecho artístico, tudo se harmoniza para dar às suas peças, principalmente as do período final da sua gloriosa carreira de escritor, as qualidades que foram duradouras (MENDES, 2003, p. 449 apud RUFFINI, 2015, p. 75).

O teatro de Oscar Wilde é composto por nove peças. A primeira peça publicada por Wilde é *Vera ou os Niilistas* (1882), seu enredo gira em torno de Vera, uma mulher engajada com o movimento Niilista na Rússia na metade do século XIX e o Czarevich, seu inimigo político. No ano seguinte publica *A Duquesa de Pádua*, a qual não obteve muito sucesso, ficando apenas três semanas em cartaz. Publicou ainda *A santa cortesã*, e *uma tragédia Florentina*. Todas essas peças são tragédias que não obtiveram muito sucesso de crítica e público desde seu lançamento, que compreendeu os anos de 1880 a 1890.

Salomé, escrita em 1892 em Francês e traduzida para o inglês em 1894, foi uma das peças mais famosas. Com ela Wilde ganhou bastante prestígio. Essa obra possui características diferentes das suas outras peças, no entanto, ainda aborda questões rotineiras na sua dramaturgia, como a relação entre homem e mulher. Ruffini (2015, p. 78) destaca que em *Salomé*, Wilde coloca em prática o esteticismo, “por meio do luxo, da ostentação e do elemento exótico”.

Após *Salomé*, Wilde escreveu peças de costumes, nas quais o autor traz uma denúncia do mundo vitoriano conservador, com rígidos padrões, colocando o público em contato com a realidade da sociedade e temas presentes, como traição, ambição, nascimento, casamento e morte e, ao mesmo tempo em que divertia seu público, promovia questionamentos (RUFFINI, 2015).

No ano de 1893, Wilde escreveu *Um marido Ideal*, peça que mostra o jogo de aparências da sociedade, com um enredo que traz um caso de chantagem política, um casamento prestes a ser destruído, e a luta para a manutenção da reputação. No enredo, Sir Robert Chiltern é o cônjuge com um passado comprometedor, mas que procura manter uma imagem de perfeição para sua esposa, Gertrude (RUFFINI, 2015).

Outra peça com estimado sucesso foi *Uma mulher sem importância*, que teve sua estreia em 19 de abril de 1893, no Haymarket Theatre, em Londres. O drama se passa em plena sociedade vitoriana, e conta a história de um jovem ambicioso que se vê forçado a escolher entre o pai, um influente aristocrata, e sua mãe, uma mulher sem importância.

Esta obra teatral vai além de simplesmente retratar a mulher vitoriana. Ellmann (1989, p. 330) destaca que “a peça é essencialmente feminina, e as vozes femininas soam como uma crítica cortante aos pressupostos masculinos”. As mulheres oscilam entre figuras puritanas e perversas, trazendo momentos de humor, mas também situações de tensão e dramaticidade.

Em 1895, estreava no St James’s Theatre a peça *A importância de ser prudente*, a qual, conforme destaca Schiffer (2010), é bastante crítica em relação à instituição matrimonial. Cecyl passa a levar uma vida dupla, buscando manter as aparências, da mesma forma que o próprio Wilde vivia, por meio de seu casamento com Constance e seu relacionamento extraconjugal com Bosie, o que o levou mais tarde a prisão.

A peça que merece destaque especial e que será objeto de análise deste presente trabalho é *O leque de lady Windermere*, uma comédia satírica que fez grande sucesso com boa aceitação pela mídia e crítica desde a sua estreia. A primeira representação teatral de *O leque de lady Windermere* ocorreu em 20 de fevereiro de 1892 no St James Theatre, em Londres. A peça é dividida em quatro atos que decorrem em 24 horas, começando às cinco horas da tarde de uma terça-feira e terminando no dia seguinte à uma e meia da tarde.

Schiffer (2010) destaca que esta peça teatral conferiu a Wilde uma grande notoriedade, tornando-o rico e famoso. Foram 197 representações com lotação esgotada durante cinco meses seguidos, até 29 de julho do mesmo ano de seu lançamento, a peça foi um sucesso absoluto:

Se a brilhante comédia conquistou tal sucesso, constituindo uma virada decisiva na carreira literária de Oscar Wilde, é porque continha os ingredientes necessários para seu êxito, tanto na forma como no conteúdo, para além de seu aspecto subversivo em relação à sociedade vitoriana. (SCHIFFER, 2010, p. 166).

A peça espelha-se na sociedade vitoriana do final do século XIX. O casamento de Lorde Windermere e Lady Windermere aparentava ser perfeito. No entanto, Lady Windermere começou a desconfiar que seu marido estivesse tendo um caso amoroso com Sra. Erlynne, uma mulher marginalizada pela sociedade, sem saber que esta era a sua própria mãe. Para vingar-se do marido, Lady Windermere tinha a pretensão de fugir com Lorde Darlington. Entretanto, a Sra. Erlynne, conhecendo os planos da filha, impediu-a de cometer o mesmo erro que empreendera e que lhe custara seu próprio afastamento da família no passado.

Ellmann (1989, p. 318) destaca que *O leque de lady Windermere* é uma peça mais radical do que realmente se apresenta, pois não retrata simplesmente o tema de uma mulher decaída que resgata sua filha puritana de cometer adultério, mas faz uma crítica contra a moralidade instaurada na sociedade vitoriana.

Na seção a seguir, conceituam-se as estéticas formadoras da obra de Oscar Wilde, o esteticismo e o decadentismo, exemplificadas com trechos de obras do autor.

2.3 DECADENTISMO E ESTETICISMO

Oscar Wilde utilizou-se dos princípios do decadentismo e do esteticismo em suas obras, devido a sua formação como escritor estar baseada nos contextos literários dessas estéticas. No caso do esteticismo, Wilde colocou em prática preceitos de autores fundadores do movimento como John Ruskin e Walter Pater.

2.3.1 Decadentismo

Moretto (1989, p. 14) discorre que o decadentismo surgiu após o Naturalismo e anteriormente ao Simbolismo, estéticas literárias que se desenvolveram entre o final do século XIX e início do século XX. Inicialmente considerada como uma estética francesa, disseminou-se por todo o ocidente.

Neste período, o Romantismo sentia o seu fim, convivendo com o Parnasianismo e Naturalismo, movimentos que não tinham força de expressão suficiente para dar seguimento após Romantismo (ZEFERINO, 2006, p. 10).

No princípio do decadentismo, os decadentes inspiraram-se nos preceitos de Baudelaire, pois perceberam no artista a artificialidade, o individualismo, a depreciação da natureza e a busca do eu interior. Estes decadentes eram jovens poetas e escritores, que já estavam descontentes com os movimentos surgidos até o momento. Estes buscaram fazer uma revolução poética, disseminando novas ideias (ZEFERINO, 2006, p. 11).

Amaral (2009 apud RUFFINI, 2015, p. 63) descreve o decadente como “aquele indivíduo à margem do social, o passivo, inadequado, entediado, que assume uma atitude desencantada e isolada”, contrariando-se ao academismo poético que se instaurava na literatura, e buscando algo novo.

Moretto (1989, p. 31) sublinha que o decadentismo era considerado um novo Romantismo, estendendo-o até o final do século XIX, buscando liberdade poética e novas formas de expressão. Neste cenário, os decadentistas cultuavam o primitivismo, o verso livre, o tema do cotidiano, o fantástico e os artistas pré-rafaelitas, sendo: John Everett Millais (1829-1896), William Holman Hunt (1827-1910) e Dante Gabriel Rossetti (1828-1882). Este grupo surgiu como reação à arte acadêmica inglesa, que seguia os moldes dos artistas clássicos do Renascimento, desejando devolver à arte a sua pureza e honestidade anteriores.

Os poetas e escritores decadentes foram os iniciadores da transição do Romantismo para o Simbolismo, sendo o decadentismo um movimento preparador para este novo movimento que formaria escola. O Simbolismo iniciou-se a partir de 1885 em paralelo ao decadentismo, sendo evidenciado por poetas como Mallarmé, Rimbaud e Verlaine.

Oscar Wilde foi um artista que incorporou o decadentismo em suas obras. Na sua *peça A importância de ser prudente*, coloca o personagem Algernon

Moncrieff, como um homem antissocial, entediado e que defende sua própria liberdade, criando um amigo imaginário:

Você inventou um utilíssimo irmão mais jovem chamado Constante, de modo que possa vir para a cidade sempre que quiser. Eu inventei um valioso doente incurável chamado “Bumbury”, de modo que possa ir para o campo sempre que desejar. (WILDE, 2011, p.307).

Ruffini (2015, p. 63) comenta que Wilde explorou o decadentismo também em *O retrato de Dorian Gray*, por meio de “manifestação de valores contrários aos do sistema vigente e concretizados por meio do mal”. No fragmento a seguir, em que Dorian assassina o pintor Basil, verifica-se esse aspecto:

Dorian Gray olhou para o quadro e, repentinamente, um sentimento incontrolável de ódio por Basil Hallward se apoderou dele. As insanas paixões de um animal perseguido levantaram-se dentro dele e ele amaldiçoou o homem que estava sentado à mesa mais do que já amaldiçoara qualquer coisa em sua vida. Ele olhava ao redor descontroladamente. Algo brilhou acima do peito pintado que os encarava. Seus olhos caíram sobre isso. Ele sabia o que era. Era uma faca que ele trouxera, alguns dias antes, para cortar um pedaço de corda e esquecer de levar consigo. Ele se moveu lentamente na direção dela, passando por Hallward enquanto o fazia. Assim que ele ficou atrás dele, ele a agarrou e voltou-se. Hallward moveu-se em sua cadeira, como se fosse levantar. Ele correu até Hallward e enterrou a faca na grande veia atrás de sua orelha, esmagando a cabeça do homem contra a mesa e o esfaqueando repetidas vezes. (WILDE, 2012, p. 111).

Wilde, além de incorporar o decadentismo a sua obra, integrou também elementos e preceitos do esteticismo, movimento que será retratado na seção a seguir.

2.3.2 Esteticismo

O esteticismo foi um movimento que se manifestou inicialmente na França, no final do século XIX, com a proposição de valorizar a arte pela arte, colocando a arte como autônoma, desvinculando-a de valores sociais ou políticos, privilegiando apenas a estética. Segundo Mucci, no esteticismo:

a atitude, a ideologia, a cosmovisão mesmo que estabelecendo a autonomia inquestionável dos padrões estéticos, erige a arte como valor supremo, como instância absoluta, como objetivo único da vida; o esteticismo desconhece qualquer ética que possa sobrepor-se à estética, a essa estética da estética. (MUCCI (2004) apud RUFFINI 2015, P. 134).

Carter e McRae (1997, p. 308) comentam que a revolução de tal movimento e as consequências filosóficas deste, são encontradas significativamente nas obras de dois críticos importantes deste período, que foram influenciadores nas obras de Oscar Wilde, sendo eles: John Ruskin e Walter Pater.

John Ruskin foi um dos maiores nomes do movimento esteta, contribuindo com suas ideias a arquitetura e as artes em geral, além da literatura. Ruskin teve uma considerável influência na maneira de pensar sobre a arte e a arquitetura (CARTER e MCRAE, 1997, p. 308).

Walter Pater começou a influenciar a geração de Oscar Wilde ainda na Universidade de Oxford, onde Wilde concluiu seus estudos. Pater era considerado como o principal teórico do esteticismo e do decadentismo, defendia a experiência do momento, a libertação do sexo e a busca do prazer como estilo de vida, o chamado hedonismo (RUFFINI, 2015, p. 65).

Ellmann (1989, p. 270) destaca que a década de 90, entre os anos de 1889 e 1895, foi o período em que o esteticismo se aperfeiçoou, e “sem Wilde essa década não teria encontrado o seu caráter”. Wilde conferia ao movimento uma nova complexidade, sem renunciar ao desprezo pela moral ou pela natureza, “tornando-se possíveis a liberdade artística e a mais complexa expressão da personalidade” (ELLMANN, 1989, p. 270).

O esteticismo e o decadentismo foram dois movimentos literários que se uniram, incorporando conceitos e convicções em comum, opondo-se aos ideais capitalistas e burgueses no século XIX, venerando apenas a beleza e a arte, e interessando a diversos artistas como Wilde (RUFFINI, 2015, p. 138).

A formação de Wilde como esteta e decadentista ocorreu de forma gradual, com a incorporação principalmente das influências recebidas dos fundadores do movimento e, mais tarde, dos poetas franceses. Valores decisivos no desenvolvimento de seu formato de escrever e que estão presentes em toda a sua produção literária.

No capítulo seguinte, serão abordados o contexto social e as condições de vida da mulher na sociedade Vitoriana do século XIX. Será realizado também um breve apontamento sobre a luta de movimentos feministas na busca da igualdade social entre homens e mulheres neste período.

3 A MULHER DO SÉCULO XIX

Oscar Wilde, por meio de suas obras, buscou criticar os costumes e comportamentos da sociedade vitoriana, seguidora de rígidos padrões. Sua formação sobreveio a partir deste contexto social, marcado principalmente pela subordinação das mulheres perante os homens. Estas desempenhavam um papel apenas decorativo na sociedade, visto que na Era Vitoriana havia uma visão de comportamento feminino ideal. Assim, o lar passou a ser um templo de perfeição, regido pela representante do modelo de moral e fidelidade, a mulher.

A formação do modelo de mulher ideal da Era Vitoriana se deu a partir de vários fatores que envolveram condições econômicas, sociais e aspectos psicológicos, devido ao forte comando da rainha Vitória. Tais aspectos influenciaram o comportamento feminino de uma maneira extremamente poderosa, a ponto de permanecer por décadas, e deixando sinais até os dias de hoje (MORAIS, 2004, p. 29).

3.1 O PAPEL FEMININO X A SOCIEDADE VITORIANA

Segundo Moraes (2004, p. 64) a sociedade vitoriana do século XIX era dividida em duas esferas, a masculina e a feminina, cabendo às mulheres o papel de serem mães exemplares e esposas fiéis e aos maridos o trabalho fora do lar. O perfil de mulher delineado nesta época tinha todo o apoio da rainha Vitória, que “atribuía o sucesso do seu reinado à moralidade da corte e à harmonia da vida doméstica” (MONTEIRO, 1998, p. 61).

No século XIX, as diferenças entre o sexo feminino e o masculino iam muito além do aspecto fisiológico. Neste período, havia uma crença cultuada de que as mulheres eram intelectualmente inferiores aos homens, e com isso eram consideradas incapazes de promover crescimento econômico e social, perpetuando assim o caráter inferiorizado da mulher na sociedade (ROCHA, 2008, p. 61).

Brown (1985, p. 72) destaca que a divisão da atuação masculina e feminina em diferentes esferas abriu espaço para a formação de estereótipos sexuais, apresentando o homem como o ser forte e ativo e as mulheres como fracas e passivas, tornando-as totalmente submissas ao sexo masculino. No fragmento a

seguir do poema *The Princess* (1847) escrito pelo poeta Inglês que conquistou a admiração da rainha Vitória, Alfred Tennyson, vemos o retrato dessa desigualdade:

[...] O homem para o campo e a mulher para o lar;
 O homem para a espada e para ela a agulha;
 O homem com a cabeça e a mulher com o coração;
 O homem para comando e mulher para obedecer¹; [...]
 (ALFRED TENNYSON, 1997, p.51; tradução nossa).

As mulheres vitorianas das classes abastadas eram consideradas adornos dos lares, ficando a elas destinadas atividades de pintura, bordado e a manutenção de sua aparência. Brown (1985, p. 72, tradução nossa) acrescenta que a mulher ideal da Era Vitoriana “foi completamente ociosa, considerada como um enfeite, totalmente dependente e sem função, exceto inspirar admiração e ter filhos²”.

As mulheres com essa permanência no ambiente doméstico passaram a ser excluídas da sociedade. Ruffini (2015, p. 49) comenta que, eram poucas as oportunidades que tinham de convívio social, apenas em festas, saraus e passeios no campo, acompanhadas da família. Era vedado também o exercício do saber, pois se acreditava que a busca pelo aprendizado atrapalharia a sua vocação natural de ser exemplo dentro da família, e mantê-las-iam sempre submissas aos homens.

Monteiro (1998, p. 62) ressalta que as jovens de alta classe, excluídas do meio social, recebiam uma educação destinada apenas a torná-las mulheres exemplares e boas esposas. Para essa finalidade eram contratadas professoras particulares, denominadas preceptoras, com a finalidade de fornecer a essas jovens uma orientação moral e social.

As preceptoras eram em sua maioria mulheres solteiras, de origem humilde, e que possuíam, no entanto, algum grau de instrução aceitável. Contudo, suas condições de trabalho eram geralmente precárias. Monteiro (1998, p. 63) comenta que “agregada ao lar de determinada família burguesa, ali permanecia como uma espécie de prisioneira, explorada pelo patrão”.

As poucas escolas existentes destinadas à educação de meninas enfrentavam forte oposição, o que acabava culminando em seu fechamento. A luta

¹Man for the field and woman for the hearth; Man for the sword and for the needle she; Man with the head and woman with the heart; Man to command and woman to obey; (TENNYSON, 1997, p. 51).

²was completely leisured, ornamental, and dependent, with no function except inspiring admiration and bearing children. (BROWN, 1985, p. 72).

pela educação feminina tropeçava sempre nas convicções morais que regiam a sociedade, e que concediam à mulher um papel pré-reservado, a de ser um exemplo dentro da família (MORAIS, 2004, p. 65).

A subordinação da mulher vitoriana se reflete também nas separações conjugais. Brown (1985, p.75) relata que o divórcio era concedido ao marido mediante o adultério da esposa. No entanto, para a mulher conseguir divorciar-se era necessário além do adultério do cônjuge, um fato agravante, como o abandono do casamento ou ato de violência. E, além disso, “as crianças eram consideradas propriedade do pai, que automaticamente ficava com os filhos em caso de divórcio³” (BROWN, 1985, p. 75; tradução nossa).

Com relação às mulheres sem instrução e de classe menos favorecidas, restavam-lhes os trabalhos braçais que eram tidos como inferiores, pois necessitavam labutar para garantir a sua própria sobrevivência e de sua família. Com a Revolução industrial que já ocorria na Inglaterra, as mulheres operárias passaram a trabalhar na indústria emergente, muitas vezes em condições subumanas, para manutenção do seu lar.

Os movimentos feministas surgiram mediante ao tratamento das mulheres como um ser inferiorizado e reprimido. Estes movimentos buscavam e lutam até hoje pela igualdade entre as mulheres e homens e a garantia de seus direitos, como cidadãos na sociedade.

3.2 O FEMINISMO

Como discutido nas seções anteriores, a mulher vitoriana sempre foi inferiorizada, devido à cultura presente naquela sociedade. Wilde foi um artista que percebeu essa diferenciação entre mulheres e homens e começou pelo intermédio de suas obras, e principalmente de suas peças teatrais, a colocar o público em contato com a realidade, pois ao mesmo tempo em que divertia, promovia questionamentos sobre aquela prática existente.

Durante séculos a mulher foi apresentada como um ser inferior ao homem pelo simples fato de ser do sexo feminino. A desvalorização das mulheres ocasionou o surgimento de movimentos feministas que buscam até hoje a “igualdade social,

³ Throughout the Victorian age, children were considered the property of the father and automatically went with him in the event of divorce. (BROWN, 1985, p. 75)

política e econômica entre os sexos” (ADICHIE, 2015, p. 49) e ainda a repensar a questão do gênero.

Scott (1995) afirma que as feministas começaram a usar a palavra gênero para se referirem à organização social da relação entre os sexos, rejeitando a identidade biológica dos indivíduos. Nesse sentido, compreende-se que gênero não é o sexo ou classe a que o indivíduo pertence, mas aquilo que faz o sujeito, seja este feminino ou masculino, um ser social.

De acordo com Scott (1995), o termo gênero inclui tanto homens quanto mulheres, pois qualquer informação sobre mulheres implica necessariamente informações sobre o homem:

Essa utilização enfatiza o fato de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens [...] Esse uso rejeita a validade interpretativa da ideia de esferas separadas e sustenta que estudar as mulheres de maneira isolada perpetua o mito de que uma esfera, a experiência de um sexo, tenha muito pouco ou nada a ver com o outro sexo. Além disso, o termo “gênero” também é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. (SCOTT, 1995, p. 75).

Conforme já citado anteriormente, a Inglaterra do século XIX, durante a conhecida Era Vitoriana, foi um período em que as mulheres mais foram controladas tanto no comportamento quanto na expressão dos seus próprios sentimentos. Rocha (2008) comenta que os papéis de cada gênero se tornaram excludentes, cabendo ao homem a esfera pública e a mulher a esfera privada. Com isso, cresceram as diferenças entre os sexos e o corpo feminino revelou-se essencial no entendimento da submissão feminina.

A desigualdade nas condições de vida das mulheres na Era Vitoriana, e a inexistência da garantia de seus direitos, tornaram-se um terreno fértil para o crescimento do movimento feminista no século XIX.

Conforme destaca Moraes (2004, p. 65), as feministas neste período buscavam a igualdade entre homens e mulheres e defendiam que elas deveriam ter as mesmas oportunidades, pois estavam aprisionadas em seus casamentos e famílias, dependendo sempre de seus pais e maridos. Contribuindo com essa ideia, Rocha (2008) comenta que:

[...] É no palco de contradições e transformações vivenciadas pela sociedade vitoriana que o mundo começa a assistir a mudanças substanciais na ideologia relativa aos gêneros sexuais e seus papéis sociais. O século XIX apresenta, entre outras coisas, uma crescente

preocupação com o feminino e com seu papel na sociedade. Tal movimento se interessa não somente pela educação da mulher, mas, sobretudo, pela luta pela igualdade de direitos entre os sexos nas relações sociais, demandando, principalmente, reformas legais, melhores oportunidades de acesso à educação, melhorias nas condições de emprego e maior liberdade sexual. (ROCHA, 2008, p.37)

A segunda metade do século XIX até o início do século XX foi marcada por uma série de lutas sociais. Um dos fortes movimentos deste período foi o Movimento Sufragista, tendo como objetivo principal garantir às mulheres a participação da vida social, através do voto e a educação igualitária entre os sexos (ROCHA, 2008).

O Movimento Sufragista foi fundamental para os avanços feministas, no século XIX, sendo um dos primeiros sinais da compreensão dos direitos das mulheres:

Por meio desse movimento, mulheres de várias idades, credos e classes sociais uniram forças indo às ruas protestar contra a desigualdade de direitos sociais, demandando uma melhoria generalizada na condição de vida das mulheres, além de um reconhecimento de sua importância como cidadãs. Para as sufragistas, a base da desigualdade social estava na educação deficitária e preconceituosa a elas reservada, que não apenas as confinava à esfera doméstica, mas as subjugava em relação ao sexo masculino, tido como superior. (ROCHA, 2008, p. 31).

Rocha (2008) destaca que inicialmente o movimento sufragista não era bem avaliado pela sociedade; no entanto, aos poucos as opiniões começaram a mudar, conquistando novas adeptas e garantindo avanços a partir de 1918, como o direito ao voto e a participação no parlamento inglês para mulheres acima de 30 anos, e a lei de 1928 que proporcionou o voto na Inglaterra a todas as mulheres a partir dos 21 anos.

Os avanços nem sempre aconteceram de forma pacífica e a situação muitas vezes era desfavorável àquelas que se aventuraram a questionar a ideologia da sociedade inglesa no século XIX. Rocha (2008, p.39) comenta que era grande a “barreira enfrentada por essas mulheres que iam contra tudo aquilo que por séculos havia norteado a constituição social e familiar, isto é, toda uma tradição alicerçada na desigualdade de papéis sexuais e sociais”.

Uma forte opositora às lutas das mulheres era a Rainha Vitória, que acreditava que essa liberdade para as mulheres degradaria a moralidade, e os bons modos esperados das representantes do sexo feminino (ROCHA, 2008).

Contudo, Moraes (2004, p. 66) acentua que mesmo com fortes opositores, aos poucos o movimento feminista foi alcançando vitórias importantes, construindo a figura de uma nova mulher na busca pelos seus direitos. Venturosamente, mesmo em um período obsessivamente puritano e conservador, no qual as mulheres eram obrigadas a seguir normas predefinidas pela sociedade, como foi a Era Vitoriana, havia figuras femininas engajadas na busca pela transformação daquela realidade, e que lutavam pelos seus direitos.

No capítulo a seguir, será realizada uma análise da peça *O leque de Lady Windermere* (1892) de Oscar Wilde, explorando as influências do meio social na formação das personagens femininas, protagonistas da peça.

4 O LEQUE DE LADY WINDERMERE

Neste capítulo, realiza-se um diálogo entre os trabalhos dos teóricos abordados nos capítulos anteriores, sobre a contextualização da Era Vitoriana e o papel da mulher nesta sociedade, e os reflexos deste contexto nas personagens femininas da peça de Oscar Wilde, *O leque de lady Windermere*. A tradução elencada para este trabalho foi de Doris Goettems, em versão bilíngue.

4.1 OS REFLEXOS DA ERA VITORIANA NAS PERSONAGENS FEMININAS

Nesta seção versa-se sobre os reflexos da Era Vitoriana nas personagens femininas da peça *O leque de Lady Windermere* e os contrastes entre ambas as personagens, fazendo uma correspondência com as teorias discutidas nos capítulos anteriores sobre os padrões seguidos pela população e o papel da mulher naquela sociedade.

Bose (1999) afirma que a importância das mulheres em *O leque de Lady Windermere* é indicada pela posição dos homens na peça. Wilde inverte os padrões sociais e coloca a mulher como figura principal, em um ambiente em que o homem era o detentor do poder supremo dentro da sociedade. Todas as ações dos homens transcorrem em torno das mulheres.

Oscar Wilde coloca em evidência, na peça, duas personagens femininas de condutas totalmente opostas. De um lado a figura de uma boa esposa e seguidora dos bons costumes, e por outro lado a figura de uma mulher de má conduta e proscrita.

Lady Margaret Windermere, protagonista da peça, é uma jovem de 21 anos, mãe de um menino de seis meses e casada com Lorde Arthur Windermere, formando um casal da alta classe Londrina. Esta é uma personagem que pratica o que se espera de uma boa mulher. Seguidora da moral e dos padrões impostos pela sociedade é totalmente dependente do marido e vive envolvida nos assuntos domésticos, enquanto o cônjuge trabalha fora do lar.

Após ser abandonada pela mãe, Lady Windermere foi criada por sua tia, que lhe ensinou a sempre seguir a moralidade e os bons costumes. Conforme destacada Jakobsohn (2006), ela tornou-se intolerante e julgadora das pessoas que não aplicavam as mesmas regras às suas vidas como ela faz. No fragmento a seguir,

durante um diálogo com Lorde Darlington, a jovem se descreve como uma puritana, e orgulha-se disso:

[...]Bem, tenho mesmo algo de puritano. Fui criada assim. Felizmente. Minha mãe morreu quando eu era apenas uma criança. Sempre vivi com Lady Julia, a irmã mais velha do meu pai, o senhor sabe. Ela era severa, mas ensinou-me que o mundo está esquecendo a diferença entre o que é certo e o que é errado. Ela não permitia acordos. Eu tampouco permito. (WILDE, 2011, p. 208).

Lady Windermere apresenta-se como uma esposa fiel, e uma puritana de princípios, devido ao seu comportamento impecável. A Duquesa de Berwick, por exemplo, só permite que a filha, Lady Agatha, frequente a casa de Lady Windermere, por causa de sua boa conduta. Conforme se verifica no trecho a seguir, durante uma conversa sobre os convidados do baile de aniversário:

Duquesa de Berwick: É claro que será seleta. Mas sabemos de algo sobre sua casa, Margaret. É de fato uma das poucas casas de Londres onde posso levar Agatha, e onde me sinto perfeitamente segura em relação ao querido Berwick. Não sei o que vai ser da sociedade. As pessoas mais terríveis parecem ir a toda parte. Frequentam as minhas festas, é claro... os homens ficam furiosos se não são convidados. Na verdade alguém deveria se opor a isso.

Lady Windermere: Eu me oporei, Duquesa. Não receberei ninguém em minha casa que esteja envolvido em algum escândalo. (WILDE, 2011, p. 212).

Por meio das falas e comportamentos de Lady Windermere, verifica-se que ela se tornou uma mulher ingênua, facilmente manipulada pelas outras pessoas. Bose (1999) comenta que Lady Windermere é tratada como uma criança inocente por Duquesa de Berwick, a qual passa a contar os fatos da vida, revelando realidades dos casamentos daquela época, trazendo à tona a suposta traição de Lorde Windermere com Sra. Erlynne.

Duquesa de Berwick até aconselha a jovem a aceitar a infidelidade do marido, colocando a traição como algo inevitável nos casamentos. Com isso, há uma demonstração do papel da mulher de sujeitar-se e aceitar qualquer atitude do marido, a fim de manter uma imagem de um casamento perfeito perante a sociedade. Este fato fica claro no trecho a seguir:

Duquesa de Berwick: [...] E lembre-se de não levar muito a sério essa pequena aberração de Windermere. Basta leva-lo para o exterior, e ele vai voltar direitinho para você.

Lady: Windermere: Voltar para mim?

Duquesa de Berwick: Sim querida, essas mulheres perversas afastam nossos maridos de nós, mas eles sempre voltam, um pouco danificados, é verdade. E não faça cenas, os homens odeiam cenas. (WILDE, Ano, p 219).

Na sociedade vitoriana, os casamentos aconteciam por motivos econômicos, com o objetivo de manter o status social e os bens materiais. Este fato é verdadeiramente seguido pela Duquesa Berwick, que busca um bom casamento para a sua filha, Lady Agatha. Sua conduta fica clara, no trecho a seguir, no qual ela não leva em consideração as características e comportamentos de Mr. Hopper, mas sim a sua fortuna, pensando nos benefícios que sua filha teria caso esta união realmente ocorresse:

Duquesa de Berwick: [...] A propósito, preciso agradecer-lhe por ter mandado um convite para Mr. Hopper... aquele jovem australiano, sobre quem as pessoas tanto comentam no momento. Seu pai fez uma grande fortuna com a venda de algum tipo de comida em latas redondas – mais palatável, creio. Imagino que é a coisa que os criados sempre se recusam a comer. Mas o filho é bastante interessante. Acho que está atraído pela conversa inteligente da querida Agatha [...] (WILDE, 2011, p. 219).

Outro exemplo é o questionamento de Sr. Dumby ao Sr. Augustus, sobre sua compatibilidade financeira com a Sra. Erylne, devido ao fato de que Augustus tinha interesse em casar-se com ela:

Dumby: E a renda dela, Tuppy? Ela explicou?
 Lorde Augustus: Ela vai explicar isso amanhã.
 Dumby: As mulheres são terrivelmente comerciais, hoje em dia. Nossos avós eram interesseiras, é claro, mas suas netas por Deus, só querem saber de levar vantagem com todas as coisas (WILDE, 2011, p. 265).

Com este último comentário de Dumby, percebe-se a visão dos homens sobre as mulheres, referindo-se às mesmas, conforme comenta Ruffini (2011), como interesseiras, enfatizando o interesse financeiro das mulheres. Diante dessa realidade, verifica-se que as mulheres necessitavam fazer um bom casamento a fim de sobreviver, já que não tinham a liberdade de poder trabalhar e conseguir seu próprio sustento. Com este cenário, a mulher tornou-se dependente do marido, levando a serem vistas como mercenárias.

Outro personagem que manipula Lady Windermere é Lorde Darlington, o qual mantém uma imagem de bom moço perante a jovem, por meio de suas falas. “Quem me dera soubesse que era seu aniversário, Lady Windermere. Teria coberto a rua inteira em frente à sua casa de flores para que caminhasse sobre elas”

(WILDE, 2011, p. 205). No entanto, é um homem irônico e individualista, que tenta iludi-la por meio de suas promessas de amor.

Em um diálogo com Lady Windermere, Lorde Darlington coloca em evidência a hipótese em que um marido anda em companhia de uma mulher de caráter duvidoso e questiona se a mulher deve ter o direito de fazer o mesmo. Lady Windermere responde: “Só porque o marido é infame... a mulher deve ser infame também?” (WILDE, 2011, p. 209). Percebe-se aqui que a jovem aceita que as mulheres não têm os mesmos direitos que os homens, e que estas não deveriam ter a mesma conduta, caso o marido fosse infiel.

Posteriormente, ela descobre que o caso a que Lorde Darlington se refere é o seu próprio casamento, e que seu marido está fornecendo grandes somas de dinheiro a uma mulher desconhecida, a quem ainda insiste em convidar para seu baile de aniversário. O baile foi organizado pelo marido, Lorde Windermere, que para esta ocasião convidou a elite da sociedade e presenteou a esposa com um belo leque.

Conforme comenta Jakobsohn (2006), Lord Windermere mostra o comportamento de um perfeito marido vitoriano. Ele não vê a esposa com igualdade, mas uma pessoa inferior que precisa de seus cuidados e de sua proteção. Este tenta preservar a inocência da esposa, deixando-se chantagear por Sra. Erlynne, na tentativa de esconder a verdadeira identidade da mulher que abandonou a filha quando criança. Contrariando a sua companheira, Lorde Windermere convida para o baile a Sra. Erlynne, afirmando que esta é uma boa mulher, e que não havia motivos para desconfiança, pois a mesma precisava de uma oportunidade para voltar a ser bem vista na sociedade.

Diante dessa situação, Lady Windermere modifica a sua opinião e decide fugir com Lorde Darlington em pleno baile de aniversário, contrariando suas próprias convicções de moralidade. Para Jakobsohn (2006), com essa intenção, todos os princípios morais que ela seguia no início, de repente se tornam hipócritas, espelhando os comportamentos da própria sociedade, pois havia um descompasso entre o que se pregava e os reais comportamentos da população vitoriana.

Na verdade, o que ela pretende é apenas a mudança de dependência de um homem que ela acha que a trai por um homem que lhe promete um futuro tentador. Para Aalto (2010), Lady Windermere como mulher não tem nenhuma perspectiva fora do casamento, e assim começa a compreender as limitações da sociedade que

ela vive. A jovem percebe que suas opções são poucas: “[...] me pergunto o que é pior para uma mulher, estar à mercê de um homem que a ama, ou ser a esposa de outro que a desonra em sua própria casa?” (WILDE, 2011, p. 254).

Por outro lado, temos a Sra. Erlynne, uma mulher marginalizada pela sociedade. Vinte anos atrás, ela deixou seu marido e sua filha pequena, Lady Windermere, e foi viver com um amante, no entanto, sendo abandonada por este. Agora ela volta para rever sua filha, procurando Lorde Windermere para contar a verdade. Todavia, a filha nem desconfia que a Sra. Erlynne seja sua própria mãe.

A Sra. Erlynne aparece em cena a partir do segundo ato da peça, mas desde o primeiro ato já se sabe que ela é uma mulher mal vista. Esta se apresenta elegante e bem-educada, o que faz despertar inveja nas outras mulheres. Todos acreditam que Sra. Erlynne vivesse seduzindo homens casados e ricos, mas nenhum personagem dispõe de informações que comprometam a sua reputação. Lord Windermere observa: “Mrs. Erlynne já foi honrada, amada, respeitada. É bem-nascida, tinha posição – e perdeu tudo – jogou fora, se quiser. Isso torna tudo ainda mais amargo” (WILDE, 2011, p. 223).

Aalto (2010) considera que as punições e o sofrimento que as mulheres sofriam eram desproporcionais à sua infração. Conforme já relatado anteriormente, a moralidade era fortemente seguida neste período, e uma vez que a mulher recebia o rótulo de má por desviar sua conduta dos estereótipos morais e sociais pré-estabelecidos, acabava automaticamente marginalizada pela sociedade.

Ao adentrar na festa de Lady Windermere, Sra. Erlynne é hostilizada por homens e mulheres ali presentes, pois todos estão atentos a cada movimento desta mulher. No entanto, conforme comenta Cave (2011, p.5) ela assume com tranquilidade o controle da situação, e conquista "a simpatia de todos por meio de palavras e comentários bem escolhidos", conseguindo vários convites para reuniões sociais futuras. Um de seus diálogos naquela noite foi com a Duquesa de Berwick que no primeiro ato da peça, comenta com Lady Windermere que esta não era uma mulher que deveria ter contato com o seu marido. No entanto, após sua conversa no baile, muda totalmente de opinião:

Margaret, minha cara, acabei de ter uma conversa deliciosa com Mrs. Erlynne. Lamento muito o que lhe disse sobre ela esta tarde. É claro que ela deve ser uma pessoa de bem, já que você a convidou. É uma mulher muitíssimo atraente, e tem opiniões tão sensatas sobre a vida! Disse-me que desaprova por completo que as pessoas se casem mais de uma vez.

[...] Não posso imaginar porque as pessoas falam mal dela [...] (WILDE, 2011, p. 245).

Opostamente ao contexto social de Lady Windermere, a história da Sra. Erlynne sempre foi cheia de contratempos e sua experiência de vida a fez amadurecer. A personagem Erlynne destaca-se na peça ao proteger a sua filha de cometer o mesmo erro de seu passado, “Oh, que coisa terrível! As mesmas palavras que escrevi para o seu pai, vinte anos atrás! E como fui punida por isso!” (WILDE, 2011, p. 251).

Lady Windermere estava agindo por impulso, visto que iria abandonar seu marido e seu filho pequeno por causa de uma aventura amorosa. Mas Sra. Erlynne sabiamente impediu que Lorde Windermere visse a carta que a isso relatava, saindo à procura de Lady Windermere, na tentativa de convencê-la a voltar para casa. Jakobsohn (2006) comenta que o fracasso de Sra. Erlynne como mãe fica evidente na peça, bem como Lady Windermere também falha como mãe. No momento que a jovem está hospedada nos aposentos de Lorde Darlington, ela pensou apenas em seu bem-estar, em nenhum momento lembrou-se que tinha um filho, nem pensou no futuro que teria essa criança. Foi a Sra. Erlynne que lembrou Lady Windermere que ela tinha um filho que não merecia sofrer pela falta da mãe, fazendo que a jovem se sentisse tocada:

A senhora tem um filho, Lady Windermere. Volte para o seu filho, que neste momento, seja por alguma dor ou alegria, pode estar chamando pela senhora. (Lady Windermere se levanta) Deus lhe deu esse filho. Ele vai exigir que a senhora torne suave a sua vida, que cuide dele. Que resposta dará a Deus se a vida dessa criança for arruinada por causa dos seus erros? Volte para casa, Lady Windermere... seu marido a ama! Ele nunca desviou um momento sequer do amor que tem pela senhora. Mas mesmo que ele tivesse mil amores, deve ficar com seu filho. Se ele foi duro com a senhora, deve ficar com seu filho. Se a tratou mal, deve ficar com se filho. Se ele a abandonou, seu lugar é com seu filho. (WILDE, 2011, p. 261).

Sra. Erlynne conseguiu convencer a filha através de seus argumentos a voltar para casa, mas precisaram esconder-se, pois Lorde Darlington retornava do baile de aniversário com seus amigos para o clube onde estava hospedado, e entre eles estava também Lord Windermere. No entanto, mãe e filha esquecem o leque em cima do sofá, que é logo percebido.

O leque é um objeto antigo que foi muito utilizado pelas mulheres como um adorno, objetivando dar maior visibilidade à pessoa que o possuía. Vieira (2009)

destaca que originário na China, o instrumento pode ser considerado o símbolo da dignidade e do poder. Neste sentido, Bergami (2015) esclarece que a portadora deste objeto era geralmente de alta classe, e o seu poder financeiro estava atrelado à figura do pai ou marido. Apresentando-se com o leque, a mulher era vista com dignidade.

Sra. Erlynne, para salvar o casamento da filha, aparece em cena afirmando ter pegado por engano o leque de Lady Windermere. Esta atitude foi muito prejudicial para a reputação de Erlynne, devido ao fato de que não seria bem-visto uma mulher solteira estar sozinha tarde da noite na casa de um homem, o que levou todos a acreditarem que Erlynne era amante de Lord Darlington. Sra. Erlynne sacrificou sua própria felicidade para proteger o casamento da filha, sacrificou-se porque Lorde Augustus, que estava entre os presentes, a admirava e queria casar-se com ela, dando-lhe a oportunidade de voltar a conviver com a alta sociedade.

Sabidamente esta senhora soube contornar a situação e consegue casar-se com Lorde Augustus, conquistando o seu objetivo de ser novamente aceita pela sociedade: "Arthur, ela me explicou tudo! Meu caro amigo, ela explicou toda essa maldita história. Nós lhe fizemos uma enorme injustiça. Foi apenas por minha causa que ela foi aos aposentos de Darlington" (WILDE, 2011, p. 294).

Sra. Erlynne enfrentou a opressão da sociedade sobre dela, demonstrando ser uma mulher forte, lidando com cada contratempo de forma apropriada, sem deixar que as imposições morais da sociedade a governassem. Cave (2011) ressalta que Sra. Erlynne "encenou um impressionante retorno à alta sociedade por meio de uma brilhante demonstração de força de vontade, espirtuosidade e charme carismático." Para alcançar seus objetivos ela roubou a posição de centro das atenções e invadiu o espaço privado da filha.

No último ato, Lady Windermere pretendia contar ao marido o que ela fez na noite anterior. Sra. Erlynne aparece mais uma vez salvando a felicidade da filha, fazendo com que ela mantivesse esse segredo. A Sra. Erlynne lida com os fatos prudentemente, medindo as consequências:

Lady Windermere: Oh, o que posso dizer? A senhora me salvou, na noite passada.

Mrs. Erlynne: Silêncio, Não fale sobre isso.

Lady Windermere: Eu preciso falar. Não posso deixá-la pensar que vou aceitar esse sacrifício. Não vou. É grande demais. Vou contar tudo ao meu marido. É meu dever.

Mrs. Erlynne: Não é seu dever... pelo menos tem deveres para com os outros, além dele. Disse que me deve algo?
Lady Windermere: Devo tudo a senhora. (WILDE, 2011, p. 290).

No final da peça, Lady Windermere volta a conviver de forma harmoniosa com o marido, as complicações são resolvidas e a ordem é restaurada. No entanto, mesmo retomando a sua vida conjugal feliz, o marido continua com o poder principal na relação e Lady Windermere continua submissa a ele (AALTO, 2010).

Lady Windermere altera seu ponto de vista e considera agora Sra. Erlynne uma boa mulher, mesmo sem saber nada sobre seu passado. Erlynne consegue mudar a opinião da filha sobre ela, pelo intermédio de todo o seu sacrifício.

Conforme destaca Ruffini (2015), no desenrolar dos fatos, o leque foi um instrumento salvador da reputação de Lady Windermere, evitando que a mesma história que aconteceu com a mãe voltasse a se repetir com a filha. Lady Windermere transitou entre a inocência e a descoberta da verdade, à medida que o leque saiu de suas mãos e foi parar nas mãos de Sra. Erlynne.

Diante de todas essas representações expostas, foi possível perceber os reflexos da Era Vitoriana nas personagens femininas destacadas da obra *O leque de Lady Windermere* de Oscar Wilde. O autor foi um grande contestador dos padrões e costumes da sua sociedade, e por meio de suas obras, objetivou principalmente chamar a atenção para as práticas vigentes internalizadas e naturalizadas pela população.

Mediante à exploração das personagens da peça analisada, verificou-se a forma como as mulheres eram tratadas, demonstrando a grande desigualdade entre os sexos. Uma reflete a mulher moldada pela sociedade seguidora dos padrões sociais e submissa ao marido, enquanto a outra sofre as consequências por desobedecer às regras seguidas pela população.

O autor faz uma inversão dos papéis das duas personagens, demonstrando a falsa moral vitoriana, devido ao fato de que a moralidade não era realmente seguida pela população, mesmo os mais fiéis seguidores como Lady Windermere, foi capaz de trair seus próprios princípios morais, na busca de uma vingança.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em conta a análise anteriormente exposta, bem como os tópicos de fundamentação teórica, podemos agora tecer os comentários conclusivos deste trabalho.

Na Era vitoriana, havia uma ideia cultuada de que a mulher não possuía habilidade intelectual suficiente para trabalhos que não fossem relativos à manutenção do próprio lar, formando-se uma ideologia de inferioridade que reservava à mulher apenas, conforme destaca Rocha (2008), um marido que a protegesse e provesse o sustento da família, uma casa com a qual a mulher pudesse se ocupar, e herdeiros que mantivessem a tradição familiar e o nome do marido.

Os papéis sociais eram rigidamente seguidos, criando-se uma divisão em duas esferas, cabendo ao homem à esfera pública e à mulher a vida privada. A mulher ficando prisioneira à vida doméstica e o cuidado com os filhos, tornavam-se apenas um adorno do lar, totalmente submissa e dependente do marido.

Nesse sentido, Oscar Wilde foi um crítico e contestador de sua sociedade, buscando com suas obras contestar a moralidade e os padrões seguidos pelos vitorianos, expondo a verdadeira realidade que acontecia por traz de toda essa doutrina. Uma de suas peças de renomado sucesso, *O leque de lady Windermere*, é rica de elementos que contribuem para uma reflexão sobre o comportamento dos vitorianos e é perceptível o posicionamento contestador de Wilde, como integrante daquele meio social.

Pela observação dos aspectos analisados na peça em questão, é claramente perceptível que a sociedade influenciou fortemente o comportamento das mulheres. A mulher convivia em um ambiente que lhe obrigava a ter um bom comportamento e seguir as regras, caso contrário, eram marginalizadas pela sociedade, perdendo toda a sua reputação e seus direitos.

Além disso, como recebiam uma educação para seguir os preceitos morais já estabelecidos, elas não percebiam sua própria desvalorização, ficando alienadas ao mundo doméstico. Felizmente mesmo neste cenário, surgiram mulheres que perceberam essa desvalorização, e buscaram através de movimentos sociais, a igualdade entre homens e mulheres. Também autores como Oscar Wilde que através de suas obras expôs de fora satírica os comportamentos patriarcais,

demonstrando a hipocrisia e degradação causada nas figuras femininas. Na realidade, até hoje a luta pela igualdade entre os gêneros continua, devido ao fato de que mesmo com muita evolução, existe ainda preconceito e desvalorização das mulheres em muitos ambientes sociais.

Objetivou-se com este trabalho, realizar uma verificação das marcas da sociedade vitoriana na composição das personagens femininas da peça, visto que esta obra possui o papel feminino bastante evidenciado, pela protagonista, Lady Windermere, e sua mãe, Sra. Erlynne. Por meio desta análise foi possível fazer uma reflexão sobre o meio social e as situações que cercavam as mulheres na época.

A pesquisa constituiu-se em bibliográfica, a partir de uma revisão sistemática da literatura disponível, ou seja, fontes primárias de informação como livros, artigos, teses, dissertações, monografias, entre outros materiais, com a finalidade de compreender e conhecer a obra wildiana. Por intermédio dos trabalhos dos teóricos e críticos como, Ellmann (1989), Brown (1985), Scott (1990), Schiffer (2010), Ruffini (2015) entre outros, foi possível reunir as teorias e críticas mais importantes e, sobretudo, eficazes para a elaboração e desenvolvimento deste trabalho.

A relevância dessa pesquisa contribui para os estudos das literaturas de língua Inglesa apresentando a análise desta obra. Isto aqui se realizou por meio da compreensão da representação feminina, muito marcante nesta peça, levando em consideração a sociedade vitoriana do final do século XIX, bem como os anseios, as expectativas e as dificuldades que recaem sobre as mulheres, personagens que fogem ao estereótipo esperado para a figura da mulher da época.

Dessa forma, com este trabalho espera-se contribuir para a discussão dessa temática. No entanto, esta pesquisa não abrangeu tudo o que pode ser analisado na peça, devido ao fato de que existem muitos outros aspectos que podem ser abordados, como por exemplo, a abordagem do papel dos homens na sociedade e a exploração dos comportamentos de personagens secundários dentro da peça, possibilitando ricos trabalhos futuros.

REFERÊNCIAS

- AALTO Ani. **Representations of Gender, Sexuality, Marriage and Family in Oscar Wilde's Comedies**. Tese (Mestrado em estudos da tradução). University of Tampere, 2010.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Trad. Christina Baum - 1º ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- BERGAMI, Lucinei Maria. **O trançar de uma trajetória: O feminino em *Bisa Bia, Bisa Bel*, de Ana Maria Machado**. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2015. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/1987/1/O%20TRAN%C3%87AR%20DE%20UMA%20TRAJET%C3%93RIA.pdf>. Acesso em: 6 out. 2016.
- BOSE, Sarika Priyadarshini. **Women as Gígures of disorder in the plays of Oscar Wilde**. 1999. 292 f. Tese (Doutorado em Filosofia). Faculty of Arts of the University of Birmingham, 1999.
- BROWN, Julia Prewitt. **A reader's guide to the nineteenth-century novel**. New York: Macmillan, 1985.
- CARTER, Ronald, McRAE, John. **The routledge history of literature in English: Britain and Ireland**. London: Routledge, 1997.
- CAVE, Richard Allen. **A importância de ser prudente e outras peças/Oscar Wilde**. Tradução de Sonia Moreira. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.
- ELLMANN, Richard. **Oscar Wilde**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GALVÃO, Mirian Ruffini. **O Leque de Lady Windermere, de Oscar Wilde: uma análise da tradução de Oscar Mendes**. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011.
- _____. Uma mulher sem importância, de Oscar Wilde: Uma análise da tradução de Oscar Mendes. **Tradução e comunicação: Revista Brasileira de Tradutores**, Santa Catarina, n. 24, p. 145/157, 2012.
- JAKOBSON, Sarah. **Oscar Wilde "Lady Windermere's Fan" Analysis of how Lady Windermere fails to meet her own moral Standards - or does she**. GRIN Verlag. Munique, 2006. Disponível em: <http://www.grin.com/en/e-book/109964/analysis-of-how-lady-windermere-fails-to-meet-her-own-moral-standards>. Acesso em: 6 nov. 2016.
- MONTEIRO, Maria Conceição. Figuras errantes na época vitoriana: A preceptora, a prostituta e a louca. **Fragmentos**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 61/71, jul. 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/viewFile/6038/5608>>. Acesso em: 27 set. 2016.

MORAIS, Flavia Costa. **Literatura vitoriana e educação moralizante**. Campinas, SP: Alínea, 2004.

MORETTO, Fulvia M. L. **Caminhos do decadentismo francês**. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

ROCHA, Patricia Carvalho. **A Estética da dissonância nas obras de Charlotte Brontë**. 2008. 230 f. Tese (Doutorado em estudos literários). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/ECAP-7FVFKH>. Acesso em: 6 out. 2016.

RUFFINI, Mirian. **A tradução da obra de Oscar Wilde para o português brasileiro: paratexto e O retrato de Dorian Gray**. 2015. 238 f. Tese (Doutorado em estudos de Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2015.

SCHIFFER, Daniel S. **Oscar Wilde**. Trad. De Joana Canêdo. Porto Alegre: LPM, 2010.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, jul/dez, 1990.

TENNYSON, Alfred. **The Princess** [S.l.]: livrosgratis, 1997. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/gu000791.pdf>. Acesso em: 6 out. 2016.

VIEIRA, Marília Carqueja. **O leque e sua História**. Disponível em: <http://www.brasilcult.pro.br/estudos/leque/leque09.htm>. Acesso em: 4 dez. 2016.

WILDE, Oscar. **O Leque de Lady Windermere**. In: Oscar Wilde: Teatro Completo. Versão para o Português: Doris Goesttems. Vol. 1. Ed. Bilíngue: Inglês / Português. São Paulo: Editora Landmark, 2011.

_____. **O retrato de Dorian Gray**. Trad. Marcella Furtado. São Paulo: Landmark, 2012.

_____. **Teatro Completo**. Versão para o português de Doris Goesttems. Ed. Bilíngue Inglês/português. São Paulo: Landmark, 2011.

ZEFERINO, Janier Saulo. **Às avessas e o decadentismo no hospício de Rocha Pombo**. Monografia. Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2006.